



## A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR, DO ESPAÇO LUDO-PEDAGÓGICO E DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

HERTER, Cátia<sup>1</sup>; COSTA, Aline Cezar<sup>2</sup>

### **Resumo:**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada na reflexão sobre a importância do brincar, do ambiente lúdico e do Pedagogo no período de internação de uma criança, com a finalidade de divulgar o assunto que é de extrema importância para o desenvolvimento destes pequenos seres, afinal o brincar desenvolve a criança como um todo, preparando-a para a vida, sendo assim, esta consegue passar pelo período de internação sem desenvolver traumas e além disso, sem interromper seus aprendizados, afinal, mesmo internanda a criança continua em processo de formação.

**Palavras-Chave:** O Brincar. Ambiente Lúdico. Criança Hospitalizada. Pedagogia Hospitalar.

### **Abstract:**

The present study deals with a bibliographical research based on the reflection on the importance of playing, the play environment and the Pedagogue during the period of hospitalization of a child, in order to divulge the subject that is of extreme importance for the development of these small beings, after all the play develops the child as a whole, preparing it for life, so that the child can go through the period of hospitalization without developing traumas and beyond, without interrupting their learning, after all, even interns the child continues in the process of formation.

**Keywords:** The Play. Playful Atmosphere. Hospitalized child. Hospital Pedagogy.

## INTRODUÇÃO

Há uma visão geral que o Pedagogo atua apenas em ambientes escolares e formais, mas isso não é verdade, pois esse profissional pode atuar também em ambientes informais desde que se possa promover o aprendizado da criança e um deles é o ambiente hospitalar.

Para promovermos o aprendizado precisamos do brincar, do brinquedo e do ambiente lúdico. O brincar promove o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, afinal, é

---

<sup>1</sup> Técnica em Radiologia. Acadêmica do 1º Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade de Cruz Alta. E-mail: herter851@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional (UNICRUZ). Licenciada em Pedagogia (UNICRUZ). Docente da Universidade de Cruz Alta. E-mail: acezar@unicruz.edu.br



brincando que ela recria sua realidade, busca soluções para os problemas e aprende a controlar suas emoções, assim evitando os possíveis traumas de internação.

No recinto hospitalar, o espaço ludo-pedagógico é um ambiente que deve ter uma diversidade de brinquedos, das mais variadas ordens, que possa chamar atenção da criança, que ela possa escolher com o que vai brincar, promovendo sua autonomia e aprendizado. A criança quando chega neste espaço esquece dos problemas, das vivências hospitalares. Deleta-se a imagem de um ambiente hospitalar sem estímulo e agora este passa a ser um ambiente alegre, vivo, colorido e cuidadosamente organizado pelo pedagogo e equipe hospitalar.

A partir dessas considerações iniciais, o objetivo deste estudo bibliográfico é trazer uma reflexão sobre a importância do brincar, do ambiente lúdico e da atuação do Pedagogo em espaços ludo-pedagógicos hospitalares. Para tanto, o texto se estrutura a partir dos seguintes tópicos: A criança hospitalizada e o controle das emoções. A importância do brincar para a criança. A importância dos espaços ludo-pedagógicos nos hospitais pediátricos. O Pedagogo, seu papel e sua importância no ambiente hospitalar.

## **A CRIANÇA HOSPITALIZADA E O CONTROLE DAS EMOÇÕES**

A criança ao ser hospitalizada sofre uma ruptura na sua realidade cotidiana, afinal o ambiente hospitalar é muito diferente da realidade com a qual esta acostumada. No período em que está internada a criança deixa de ir a escola, de brincar com seus amigos, com colegas e de passar o tempo com a sua família e demais pessoas de seu convívio.

A criança se transforma no paciente, que deve seguir regras e ficar em repouso para que o tratamento da doença tenha efeito, ou seja, muda toda sua rotina e provoca um afastamento involuntário da criança em relação a escola, amigos e família. Em partes pela baixa imunidade, onde vírus e bactérias comuns podem se tornar fatais.

Se a internação é uma experiência dolorosa e difícil para um adulto, é ainda mais complexa para uma criança que está em processo de formação, que ainda não compreende muito bem o mundo e que está passando pelas primeiras experiências e conflitos.

A rotina hospitalar é bastante desgastante, pois frequentemente são submetidas às condutas terapêuticas: visitas, exames, ingestão de medicamentos, atividades, e a algumas situações variadas como: normas e rotinas rígidas de horários de alimentação, repouso, impossibilidade de locomover-se, morte [...] (BARROS; LUSTOSA, 2009, p.10).



Não importa a idade e as experiências vividas, é fato de que tudo é muito novo e a criança ainda não está preparada psicologicamente para passar por uma experiência de vida tão difícil como a internação. É algo tão assustador para esse pequeno ser, que pode deixar marcas que lhe acompanharão durante toda a sua vida.

Para que a hospitalização não se torne um trauma para a criança, precisamos compreender este indivíduo como um todo, que está debilitado tanto fisicamente quanto emocionalmente. Segundo Barros e Lustosa (2009, p.7) [...] é importante também neste momento, dar ênfase à criança e não somente a doença da criança [...].”

Ou seja, a equipe hospitalar deve levar em consideração o que essa criança está sentindo, como o medo, a ansiedade, a tristeza, e a raiva, que são sentimentos muito comuns em crianças que passam por períodos de internação. Assim, o atendimento hospitalar se torna mais humanizado, mas infelizmente esta não é a realidade.

O sofrimento da criança já começa quando sabe que está doente e, tendo que passar por uma internação, o sofrimento aumenta, pois dentro do contexto hospitalar ela pode se sentir invadida, reduzida e aceita apenas pela sua própria doença, deixando-se de ser ela mesma, isto é, passar por um processo de despersonalização. Neste sentido, é importante perceber que o sofrimento vai muito além do aspecto físico (BARROS; LUSTOSA, 2009).

A criança deve aprender a controlar suas emoções, para que se desenvolva por completo, tanto cognitiva quanto emocionalmente. E principalmente, não perca a vontade de viver devido a esses sentimentos que surgem com a hospitalização.

Isso significa que a criança vai passar a entender o que está acontecendo com ela, e perceber que num momento podemos estar felizes e no outro triste por algum motivo, que os procedimentos hospitalares poderão ser dolorosos, mas que serão passageiros e que tudo isso faz parte da vida, que deve ter altos e baixos, pois são eles que constroem o indivíduo.

Se os sentimentos e emoções da criança hospitalizada, não forem considerados e não receberem a devida importância, a criança vai voltar para casa curada da doença, mas com traumas psicológicos. Afinal, o ambiente hospitalar é um local estressante, sem estímulos, sem a presença da família e amigos; com muitos doentes e possíveis óbitos, obrigando a criança a aprender muito cedo a lidar com a morte (SILVÉRIO; RUBIO, 2012).

Além disso, a criança tem de suportar procedimentos dolorosos e aceitar a presença de pessoas desconhecidas, que usam roupas brancas e que parecem assustadoras, pois aplicam os medicamentos e realizam os procedimentos. Os traumas psicológicos podem ser variados e



alguns muito graves, desde depressão, instabilidade, falta de iniciativa e comunicação, atraso no desenvolvimento cognitivo e emocional, e agressividade.

Os hospitais, normalmente, não estão preparados para o atendimento de crianças, pois quando ela é hospitalizada sua vida muda completamente. Ela deixa sua casa, seus amigos, seus brinquedos e encontram um ambiente diferente do habitual, com paredes sem cor, aparelhos estranhos, pessoas desconhecidas e uniformizadas que lhe oferecem remédios amargos, injeções, aparelhagens estranhas, exames complicados. Isto provoca medo, sofrimento, ansiedade e desconforto (SILVÉRIO; RUBIO, 2012, p.10).

O adulto quando está passando por situações difíceis, gosta de compartilhar seus sentimentos com pessoas próximas, conversando com seus amigos, já a criança pode estar numa fase em que a linguagem oral não esteja muito desenvolvida e se utilize da brincadeira, para representar seus sentimentos, suas emoções e seus traumas da infância. De acordo com Friedmann (1998 apud BARROS E LUSTOSA, 2009, p.4) “a criança, ao brincar elabora uma série de conflitos e emoções como agressividade, angústia e experiências traumáticas, de modo que a brincadeira é uma forma de válvula de escape para as emoções”.

### **A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA A CRIANÇA**

O brincar é uma atividade complexa e muito importante para o desenvolvimento da criança, além disso, possui vários significados de acordo com a diversidade cultural existente. Para algumas culturas pode ser uma brincadeira, para outras, as brincadeiras podem ser organizadas e desenvolvidas de outras formas, e em espaços diferentes.

A atividade lúdica também deve promover uma situação agradável, divertida, que propicia o desenvolvimento da criança, que não tem regras e normas a serem seguidas, nem punição quando algo for feito errado. Segundo Barros e Lustosa (2009, p. 2) “a brincadeira constitui-se em um momento de aprendizagem onde a criança tem possibilidade de viver papéis, elaborar conceitos e exteriorizar o que pensa da realidade que vivencia.”

O brincar potencializa o desenvolvimento humano e cognitivo de uma criança, ao mesmo tempo que sua falta resulta num atraso desse desenvolvimento. Através do brincar a criança aprende a controlar suas emoções, se adapta mais facilmente a rotina hospitalar, busca soluções e consegue resolver problemas, o que possibilita uma recuperação mais rápida e diminui o tempo de hospitalização (VICENTE; PIOVESAN, 2006).

A criança brinca e desenvolve sua criatividade, interage com as outras crianças, desenvolvendo a comunicação e a linguagem, se distrai, esquece um pouco dos problemas



e das vivências hospitalares e assim desenvolve a esperança para continuar a lutar contra sua doença, desta forma, podemos dizer que o brincar possibilita que a criança desenvolva habilidades que serão fundamentais ao longo de toda sua vida.

A internação pode ser encarada de duas formas: como a responsável por traumas na vida de uma criança ou pode ser vista como uma experiência significativa para a vida desta. A diferença entre uma e outra vai depender de um trabalho em conjunto das famílias e da equipe hospitalar, para propiciar um ambiente lúdico de aprendizado e de lazer.

Sem os pais a criança não tem estímulo para continuar com o tratamento da doença, em períodos longos de internação a criança precisa de afeto, de amor, carinho, não apenas dos seus pais, mas dos familiares em geral, para que se sinta segura e tenha esperança da melhora. Segundo Barros e Lustosa (2009) “a presença ativa e constante dos pais e família é imprescindível para que a criança se torne mais segura e ajude a diminuir os efeitos negativos da internação”.

O desenvolvimento infantil, as vivências experienciadas pela criança durante a infância são basilares para seu desenvolvimento ao longo da vida. Uma criança estimulada, bem desenvolvida na infância, tem maior propensão a se tornar um adulto ativo na sociedade, crítico e criativo, com inúmeras capacidades desenvolvidas. Sobre isso Barros e Lustosa (2009, p.4) afirmam [...] o brincar promove o desenvolvimento da criança sob todos os aspectos, físico, intelectual, cognitivo, psíquico, emocional e social [...].”

## **A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS LUDO-PEDAGÓGICOS NOS HOSPITAIS PEDIÁTRICOS**

Ambientes adequados, dinâmicos, coloridos e alegres, com diversas opções de brinquedos chamam a atenção da criança e favorecem o brincar e a aprendizagem, daí a importância do ambiente ludo-pedagógico para as crianças internadas.

Devido a importância desse ambiente lúdico, foi criada a lei 11.104/2005 em 2005, que exige dos hospitais que possuam ala pediátrica em regime de internação, a instalação em suas dependências de uma Brinquedoteca para as crianças internadas, de preferência em sala própria e adequada.

A Brinquedoteca é uma sala própria dentro de um regime de internação pediátrico, que oferece desde brinquedos a livros para as crianças internadas, cujo objetivo é ajudar a criança a se descontrair e esquecer um pouco que está internada.



# XVIII

## Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias  
na Educação a Distância  
III Mestrado de Trabalhos  
Científicos do PIBIC  
VI Curso de Práticas Socioculturais  
Interdisciplinares  
VIII Encontro Estadual de  
Formação de Professores



Promovendo diversão e distração, o brincar livre, diminui a possibilidade de traumas psicológicos, promovendo o desenvolvimento infantil e humano, além de aproximar a família da criança. Vale frisar que os pais podem e devem participar desse espaço lúdico, mas sempre respeitando as regras do hospital.

A brinquedoteca também permite uma aproximação entre pais e filhos e possui várias representações: é um espaço lúdico, terapêutico, político e pedagógico pois além de garantir o direito da criança poder brincar, se divertir, também é um espaço de formação de cidadania (SILVÉRIO; RUBIO, 2012, p.9).

Em relação ao brinquedo, não importa se este é o mais caro ou o mais moderno, o que realmente importa é sua função de promover o brincar e a aprendizagem. Em uma Brinquedoteca, os brinquedos são variados e possibilitam a escolha da criança em relação a este, promovendo autonomia e aprendizado.

Além disso, esse espaço deve ser organizado de forma que fique atraente para as crianças e promova a socialização entre elas. É muito importante que os brinquedos sejam esterelizados e adaptados as crianças, principalmente entre as que apresentam certas dificuldades. Outra característica relevante desse espaço é possibilitar às crianças que não podem ir até esse espaço, em função da sua doença, que os brinquedos sejam levados até elas.

Têm-se a consciência que os brinquedos e brincadeiras não são meros divertimentos, mas servem como suporte para que a criança atinja seu desenvolvimento sócio - emocional e cognitivo. Propicia à criança a interação dos conteúdos nas diferentes formas de pensar, facilitando a assimilação e entendimento de muitos conceitos (BARROS; LUSTOSA, 2009, p.2).

É interessante também, que haja brinquedos na Brinquedoteca que estejam relacionados com a realidade vivida pelas crianças, ou seja, brinquedos que estejam ligados ao ambiente hospitalar e as doenças que acometem as crianças, como por exemplo, um revista infantil onde o personagem principal é um criança que está com Leucemia, assim seus leitores poderão se indentificar, perceber que não são as únicas vítimas da determinada doença e sendo assim não estão sozinhas.

No caso específico da aplicação de técnicas lúdicas em hospitais, os brinquedos abordam temas hospitalares, podendo-se citar: bonecos que representam a família, o paciente e a equipe hospitalar; bonecos que deixam à mostra os órgãos internos; instrumentos cirúrgicos, de exames e de procedimentos médicos em miniaturas de



plástico; maquetes de hospitais e enfermarias; carrinhos de ambulância; roupas idênticas às da equipe; materiais utilizados pela equipe de enfermagem; livros de histórias em que o tema esteja ligado ao período de hospitalização ou processo de saúde-doença (OLIVEIRA; DIAS; ROAZZI, 2003, p.7).

Através das Brinquedotecas ou ambientes lúdicos, as crianças tem oportunidade de vivenciar situações hospitalares de forma lúdica, recriando-as, por exemplo, a enfermeira aplica o soro na criança e a criança aplica no seu boneco.

Dessa forma facilitamos o entendimento por parte da criança, em relação a importância de se realizar o procedimento, promove um sentimento de segurança, que ela não é única que está passando pela mesma situação. Assim esta não se sente tão assustada e desse modo, o brincar pode tornar o ambiente hospitalar menos hostil e mais positivo, tanto para a criança, quanto para seus familiares e a equipe hospitalar.

Uma outra forma de tornar o ambiente hospitalar menos hostil para a criança é transformar o leito hospitalar desta em algo mais familiar, mais acolhedor, trazendo coisas importantes e que ela gosta para esse ambiente, claro, sem interferir no seu tratamento.

## **O PEDAGOGO, SEU PAPEL E SUA IMPORTÂNCIA NO AMBIENTE HOSPITALAR**

É senso comum considerar que o Pedagogo pode atuar apenas nas salas de aulas, mas na verdade esse profissional pode trabalhar em diferentes espaços, sendo escolares ou não, desde que se possa ocorrer aprendizado.

Um desses lugares são os hospitais, mais precisamente nas Brinquedotecas Hospitalares, estimulando a criança a aprender através do brincar, valorizar o brincar, e não romper com a aprendizagem desta criança. Mesmo estando afastada da escola a criança pode e deve continuar sendo estimulada, aprendendo, afinal, este ser continua em processo de formação.

Além disso, o Pedagogo pode ajudar a criança a compreender sua doença, como ela funciona, e explicar os procedimentos e sua importância para a cura da doença, assim como auxiliar no processo de abordar a respeito da questão da morte.

Assim como há uma variedade de brinquedos, a Brinquedoteca pode e deve disponibilizar atividades criativas e diferenciadas, que chamem a atenção das crianças, e quem vai planejar e aplicar essas brincadeiras são os Pedagogos.

Alguns exemplos de atividades lúdicas nos hospitais são a arteterapia (produção de arte criativa com todo o tipo de objeto), a dramatização (as crianças encenam e demonstram seus sentimentos), e a musicoterapia (promove relaxamento, movimento, dança e socialização).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar possibilita a criança aprender sobre sua realidade vivida e desenvolve a criatividade, impulsionando o desenvolvimento infantil e humano. A vivência do brincar é profundamente relevante durante o tratamento e recuperação de crianças internadas em ambientes hospitalares.

Para que o brincar promova esse desenvolvimento, é necessário que haja um ambiente lúdico ou Brinquedoteca no ambiente hospitalar, para que a criança que está em formação possa continuar seu aprendizado mesmo estando longe do ambiente escolar.

Por isso o Pedagogo tem um papel muito importante, estimulando a criança a aprender através do brincar, ele ajuda a criança a compreender melhor essa fase pela qual está passando, bem como a questão da doença e até mesmo da morte. Assim a criança vai continuar aprendendo e vai conseguir controlar suas emoções, como a raiva e a tristeza, diminuindo as possibilidades de traumas após a internação.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Danielle; LUSTOSA, Maria; **A ludoterapia na doença crônica infantil**. Rio de Janeiro, Rev. SBPH, 2009, vol.12, n.2, pp. 114-136. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1516-08582009000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-08582009000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>

DIAS, Maria; RODRIGUES, Karina; **Pedagogia Hospitalar: o Pedagogo e suas práticas educativas em espaços não escolares**. Curitiba: Educere, 2012, p.1-10. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541\\_13120.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541_13120.pdf)>

OLIVEIRA, Sâmela; DIAS, Maria; ROAZZI, Antonio; **O lúdico e suas Implicações nas Estratégias de Regulação das Emoções em Crianças Hospitalizadas**. PERNANBUCO, Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, vol. 16, n.1, pp. 1-13. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16794.pdf>>

SILVÉRIO, Claudia; RUBIO, Juliana; **Brinquedoteca Hospitalar: O papel do Pedagogo no Desenvolvimento Clínico e Pedagógico de Crianças Hospitalizadas**. São Roque: Revista Eletrônica Saberes da Educação, 2012, v.3, n. 1, pp. 1-16. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Claudia.pdf>>

VICENTE, Fabiana; PIOVESAN, Juliane Cláudia. **Música e criança hospitalizada: promovendo a sensibilidade e a humanização**. Cruz Alta: CATAVENTOS, 2016, v.8. n.1, pp.132-151. Disponível em: <<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/Cataventos/article/view/4020/855>> VICENTE, E; PIOVESAN, 2006.